Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

25.º Anno — XXV Volume — N.º 857

20 DE OUTUBRO DE 1902

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Auctor da LADAINHA, do AUTO DO FIM DO DIA, do ALIVIO DE TRISTES, é um dos maiores poetas da geração moderna portugueza e talvez o mais portuguez de todos elles.

Foi lá no seu cantinho da Beira muito amado que elle começou a apaixonar-se por quanto mais tarde havia de desabrochar em quadras preciosas, não como joias que os homens lapidam, mas como a tunica dos lyrios, mais ricamente vestidos do que Salomão em toda sua grandeza. Nasceram n'aquelles mattos perfumados, foram aquecidas pelo bom sol de Portugal, cantaram as primeiro labios vermelhos de raparigas do campo, que as percebiam e com ellas se encantavam.

A lucta pela vida, por esta vida tão má, trouxe o poeta até Lisboa, arrancou-o ás sombras, onde se deixava ficar scismando, á musica das fontes, á doce quietação dos crepusculos, á conversação misteriosa da noite. Receavam muitos que a cidade fizesse damno ao poeta e n'ella escreveu elle seu ultimo livrinho — CANTIGAS — consultando suas saudades.

«Aguas passadas não tornam»
Deixae fallar o ditado:
Ó saudade, és um moinho,
Moes com aguas do passado.

Ainda foi a Beira, por elle tão meigamente descripta no AUTO DO FIM DO DIA e no ALIVIO DE TRISTES, quem lhe inspirou seus ultimos versos.

Mais tres quadrinhas, quasi ao acaso:

Meu rosario de cantigas
Acabarás bem ou mal?
Todos os rosarios teem
A sua cruz no final.

Ai de quem chama dos outros
Aquillo que chamou seu.
Ai triste de quem tem sede
Da agua que já bebeu.

Ao pé de tanta alegria
Meu coração se entristece:
Pondo o branco ao pé do negro,
Mais negro o negro parece.

CHRONICA OCCIDENTAL

Acompanhado pelos srs. Marquez de Soveral, Conde de Arnoso, contra almirante Capello e primeiro tenente Pinto Basto, partiu no dia 16 para Paris, d'onde seguirá para Londres, El-Rei, Sr. D. Carlos, ficando a reger o reino a Rainha Sr.ª D. Amelia.

O salão real foi atrelado ao comboio *sud-express*, achando-se reunidos na estação de Campolide para se despedirem d'El-rei o novo ministro de Inglaterra, o ministro de Hespanha, muitos officiaes da casa real, ministros e outras pessoas. Na estação de Cascaes, d'onde o comboio sahiu ás oito e um quarto da manhã, fôra grande a concorrencia.

El-rei recebeu ao chegar á fronteira uma carta autographa de D. Affonso XIII convidando-o a ir a Madrid por occasião de seu regresso. Diz-se que o sr. D. Carlos acceitará o convite.

O Presidente da Republica franceza, apesar de El-rei viajar incognito, usando o titulo de Conde de Barcellos, enviou á fronteira o seu salão. Mr. Rouvier, ministro de França n'esta côrte e que ha dias sahiu de Lisboa, esperou em Paris o monarcha portuguez, para o que fez expressamente esta viagem.

Partiu El-rei no dia 16 o que não impediu a Agencia Havas de telegraphar não sei d'onde para Paris, ha seis ou oito dias, que o sr. D. Carlos já estava em terras de França. Immediatamente muitos curiosos e creio que até auctoridades, correram para as estações querendo ver o rei de Portugal e fazer-lhe seus cumprimentos. Os portuguezes moradores em Paris foram todos esperar o comboio.

Parece que o engano foi originado por seguir no *sud-express* d'esse dia um homem loiro, que dava ares do Sr. D. Carlos.

Uma mentira muito pequenina, que, se causou incommodos, foram estes de insignificantes consequencias.

Com motivo d'esta viagem muito maiores petas se inventaram, tamanhas que, se o Padre Antonio Vieira ainda fosse vivo, decerto não escolheria o M para o deixar cahir no Maranhão: M, Maranhão; M, mentira

Onde agora o deitava seria decerto no telhado de certas agencias, que, de quando em quando, se divertem — se acaso é só divertimento — a espalhar noticias sobre as tenções do governo portuguez com referencia ás nossas colonias e suas relações com os paizes estrangeiros.

A par das mentiras da agencia hespanhola e d'outra de Paris, não valia a pena falar na confusão da agencia Havas, tanto mais que o falso rei não consta que abusasse da sua posição, a que o levaram, mas não procurou.

E' que isto de poder passar, um instante que seja, como rei de qualquer paiz embóra muito pequeno, pode dar a um homem todas as regalias da realeza sem nenhum de seus espinhos, que ficariam para o ludibriado.

O homem loiro portou-se admiravelmente, muito melhor, que entre nós o principe Cretchet, um simples principe problematico.

Breve saberemos com mais alguma minuciosidade quem elle é, d'onde veio e que tem feito, pois que o seu julgamento deve realisar-se no

proximo mez de novembro. Pelo juiz da 2.ª vara foi nomeado defensor officioso d'este grande ratão — porque lá isso é elle — o Dr. Alipio Camêlo, que já teve com o preso no Limoeiro a primeira conferencia.

Ha de encher-se de espectadores a sala do tribunal, embóra o espectaculo já venha um pouco tarde, mais valendo para o principe que não desgosta de reclamos, ter-se seu julgamento realisado em pleno estio, quando a população de Lisboa, sem outras distracções, lhe concederia toda sua attenção.

Em novembro já tudo voltou para a cidade e os primeiros dias de inverno são todos dedicados ás novidades da estação que principia. As recitas de Julia Bartet e Le Bargy, primeiros artistas do theatro francez vão talvez esfriar o enthusiasmo do publico pelo principe Aleixo de Cretchet que tanto o tem divertido.

Já em Lisboa se vão, cada dia mais, encontrando caras de inverno, e todos os theatros, com excepção de S. Carlos e D. Maria, se acham abertos.

Inaugurou seus espectaculos o theatro D. Amelia, com mais uma representação do *Amigo Fritz*, a deliciosa comedia de Erckmann-Chatrian, desempenhando a actriz Lucinda Simões o papel da velha criada, ficando os restantes principaes papeis a cargo de seus primeiros interpretes, Augusto Rosa, Brazão e Rosa Damasceno.

Fechou o espectaculo a scena do *Auto da Lusitania* entre *Todo o Mundo* e *Ninguem*, que tamanho enthusiasmo causou quando representado no esplendido espectaculo, n'aquelle theatro organisado, quando se tratou de commemorar a fundação do theatro portuguez, em junho d'este anno.

Já chegou do Pará a companhia que levou como director o actor Maia, actual gerente do theatro de D. Maria, que muito brevemente deverá por isso inaugurar a serie de seus espectaculos. Pouco se fala por emquanto no repertorio escolhido, citando-se apenas um ou outro nome de peça.

Consta que Lopes de Mendonça entregou uma peça ao gerente e que outra lhe será brevemente enviada pelo Raul Brandão.

Lisboa anima-se. Tem já seus dias contados a epoca de verão em Cascaes, cujos frequentadores continuam a queixar-se de aborrecimento pela falta de jogo. Já abalaram quasi todos os mais devotados amadores da formosa Cintra, d'onde, ha dias nos chegou uma triste noticia, o grave desastre succedido á sr.ª Condessa de Figueiró. Felizmente todo o receio de perigo já passou.

Outro caso triste este nome de Cintra nos recorda: o choque entre dois comboios a pequena distancia do Cacem, desastre em que ficaram dois homens mortos.

Lisboa anima-se e os officiaes boers, que ahi estiveram de passagem para a sua terra, puderam distrahir suas maguas em algum café mais bulhento ou nos circos sempre cheios a deitar por fóra com grave prejuizo dos theatros portuguezes sempre a terem de luctar contra aquellas bisarmas.

Voltam estes officiaes á sua terra, continuam correndo as capitaes da Europa os generaes Botha, Dewet e Delarey, calorosamente applaudidos por toda a parte.

A sympathia que lhes mostram e pelo povo que perdeu sua liberdade não é senão mais uma forma porque se revela a antipathia pela Inglaterra, que vai alastrando por todas as outras nações. Quem acclama os boers sabe que é desagradavel ao colosso que ameaça assenhorear-se do mundo. E, quando dizem muito mal de nós, é tambem na esperança d'um recochete.

Quando começou a guerra no Transwaal foi esse o assumpto predominante durante os primeiros dias em todos os jornaes do mundo. A attenção foi cançando, os telegrammas foram nos jornaes diminuindo de extensão; já muitos os deixavam de ler. Os sentimentos de humanidade, de commiseração, de justiça depressa se acharam com as molas muito sem força. Acordou-as de novo um odio commum.

Ainda assim as noticias já não apparecem acompanhadas de grandes commentarios, como d'antes, e outros casos, que nos communicam lá de fóra chamam agora mais a attenção, como são as grandes grèves dos mineiros e sobretudo mais um desastre acontecido a dois aeronautas que se despenharam d'uma altura de cem metros, e como o Severo e seu companheiro, morreram instantaneamente.

Vê-se que o velho problema de navegação aerea está longe de resolvido, pelo menos sem perigo. Não ha confiar em soluções mais ou menos fantasistas de homens de menos sciencia e por isso mais arrojados.

N'um livro muito velho que achei no mercado de S. Bento e que me tem divertido muito, já se fala em homens voadores. Cita o auctor a opinião do Padre Honorato Fabre que dictou poder compôr-se uma não volante com grandes tubos cheios de ar apertado. E diz o auctor do livro com muito bom senso: — «O successo d'estas machinas artificiosas pela região do ar não sei se será feliz.»

Aqui acertou elle.

João da Camara.

A CATHEDRAL DA GUARDA [1]

(MONOGRAPHIAS ESBOCETOS)

IV

Das peças que no interior do edificio mais se impõem á nossa apreciação, occupa um logar proeminente o *grande orgão*, de que hoje publicamos tres reproducções, uma representando o seu coroamento ou remate superior, e outra, a parte media ou balcão.

Existe esta peça monumental, instalada no espaço do ultimo arco lateral esquerdo, da *nave central*. Sustenta-se inferiormente em fortes misulas de madeira, ornamentadas, violentamente entalhadas em rôços profundos, praticados na espessura dos pilares do arco occupado pelo orgão. Superiormente e á altura d'uma das janellas da nave, fortes vergalhões de ferro chumbados na cantaria, sustentam e firmam toda a grandiosa peça.

Encarado isoladamente em si, este orgão, é uma das mais notaveis e artisticas peças com que o vandalismo faustuoso de um bispo, obstruiu o grandioso templo. Desenho magnifico e gracioso; execução admiravel.

Talvez como peça d'arte deva classificar-se como pertencente ao ultimo ou terceiro periodo do *renascimento*, embora o seu remate superior mostre um motivo de decoração pertencente aos estylos *Luiz XV*.

E' todo de madeira dourada preciosamente entalhada como se disse, e a sua altura, superior a 10 metros. Possuiu mais de mil canudos de varias grandezas e feitios, porém, actualmente só possue os cinco maiores, talvez porque o tiral-os apresentasse serias difficuldades aos vandalicos ladrões que roubaram os outros. Mechanismo, folles, teclado e registros, tudo desappareceu.

Sob o docel ou baldaquino que remata superiormente o orgão, e sobre o plintho que encima o feixe central dos tubos, existiu em tempo, uma esculptura em madeira, representando a Virgem, que alguem d'alli deslocou para o altar da capella do lado esquerdo da entrada principal.

Pela janella da nave obstruida com o coroamento do orgão, entra a conducta d'ar, que em tempo partia da *casa dos folles*, para o mesmo orgão.

Esta casa, que estava situada sobre o terraço lateral da fachada norte, já foi demolida por completo, para se realisar a desobstrucção projectada dos *arcos-botantes* e janellas da nave central e cruzeira.

Esta peça (o orgão) que, como fica dito, representa os restos de uma grandiosa e magnifica manifestação artistica, tem que ser removida para outro ponto do edificio, onde a sua esbelta estructura se imponha e sem prejudicar o grandioso templo, cuja estabilidade compromette pela situação em que se encontra.

Esse ponto, já está indicado em peça official, que acompanhou a *memoria* a que em tempo já nos referimos.

V

Para que se possa formar exacta ideia do que deveria ter sido a magestoza peça de que reproduzimos a parte superior, a media, e a baze do grande orgão, por esta se verá o arrojo de factura, primor de desenho e execução com que foi realisada.

Como já dissemos, essa mutilada peça, por si propria constitue uma pujante manifestação artistica de consideravel valor, mas cumpre notar que pelo logar que occupa, pela forma violenta como foi firmada no magestoso vão que obstruiu, deve ser encarada como um lastimavel vandalismo, que antaipando um logar nobre do edificio, o veio até certo ponto comprometter na sua solidez, prejudicando-o a esse respeito por forma consideravel e digna de especiaes cuidados futuros.

[1] Da *Construcção Moderna*.

As mizulas, de balanço extremamente arrojado que dão nascença ao balcão, baze do orgão, foram violentamente entalhadas nos fustes das columnas do vão do arco, afim de se suspender e firmar a pezada e grandiosa peça; d'ahi naturalmente resultou diminuição de resistencia das peças em que se firma, facto que, conjunctamente com outros de natureza identica de que foi por varias vezes e arremettidas, victima o magnifico edificio, tem concorrido para a sua progressiva ruina.

Ainda, com o firme proposito de chamarmos a patriotica attenção dos devotados aos nossos monumentos e preciosos restos do nosso impagavel thesouro de tradições historicas e artisticas, reproduzimos hoje, o grande rectabulo da capella-mór.

É esta sem duvida a mais extraordinaria peça artistica e decorativa que existe no templo.

É no seu genero um dos melhores trabalhos dos que existem no paiz. Este rectabulo que em arco de circulo occupa todo o fundo da abside, é todo feito de pedra de Ançã e contem cerca de *cem figuras*, em alto relevo e em grande parte, de tamanho natural. A composição das figuras e dos grupos que constituem todos os episodios do nascimento, vida e morte de Christo, é arrojada e artistica, e embora bastante convencional, significa e revela muita arte e saber no seu auctor ou auctores. Os motivos architectonicos que emolduram e apainelam as figuras e os grupos, são banaes e mesquinhos sem deixarem de ser pretenciosos. O conjuncto é magnifico. Muitas das figuras foram atrosmente mutiladas pelos soldados invasores francezes, em 1810. Houve em tempo alguem que teve a *luminosa idéa* de dourar as figuras do rectabulo; o ouro era ordinario e com o tempo tomaram o tom de bronze... fingido.

Contem este rectabulo um sacrario guarnecido de finos lavores em pedra; houve tambem um bispo benemerito que resolveu mandal-o entaipar com o burguesissimo throno de madeira, que a estampa representa.

Será este rectabulo, um dos que D. Christovam de Castro, bispo nomeado por D. João III e confirmado em 1550, *mandou fazer para a Sé que já n'esse tempo estava acabada?*

Seja como fôr, o que é certo é que a escola d'arte em que elle se filia, deixou entre nós primorosos e valiosissimos exemplares, a que em devida opportunidade nos referimos, citando hoje apenas o da *capella do Sacramento* da Sé velha de Coimbra, que sendo incontestavelmente uma bella peça no genero, está ainda assim muito longe de representar o valor e a grandiosidade magestosa do rectabulo da Sé da Guarda, talvez como já dissemos o maior e o mais notavel existente no paiz e que merece ser devidamente conhecido.

VI

Por mais de uma vez nos temos referido aos primorozos cadeirões que constituem o *côro de baixo*, e que, como já dissemos, foram violentamente accommodados na capella-mór da Sé.

Como se vê pelas respectivas gravuras, as duas alas que se encostam respectivamente aos lados do evangelho e da epistola, não couberam nas paredes a que se encostam e por essa razão alguns mas sahem para fóra da capella produzindo um intoleravel pejamento no pizo da nave cruzeira. O tardoz das que affrontam a referida nave, foi *arranjado* por forma a simular um biombo dividido em dinazios.

Para que se podessem accommodar e justapôr ás paredes da capella, os fustes dos columnellos que constituem como já dissemos, os pés direitos do grande arco triumphal da capella-mór, foram decepados pela fórma violenta que as gravuras representam, e arrematado o vandalico decepamento com mizulas ornamentadas de madeira.

Este lamentavel facto, filia-se no grande numero de conegos que constituiram em tempos aureos do episcopado, o cabido egitaniense; hoje porém, a permanencia d'este vandalismo nem já essa atenuante pode ter, por que o actual cabido, reduzidissimo em numero, não chega a occupar a quarta parte dos logares existentes no côro, nem mesmo nas grandes solemnidades.

Por essa razão, na *memoria* que sobre o assumpto em tempo apresentámos á apreciação das instancias superiores, propozemos e foi approvado, que as álas do côro fossem reduzidas á extensão das paredes que occupam, de forma a libertar a nave cruzeira de tal pejamento, lastimavel a muitos respeitos.

A porção de *fustes* dos pés direitos do referido arco, seria reconstituida, dando-se-lhe o primitivo valor e reforçando por esta forma o arco, bastante compromettido na sua estabilidade pelo violento côrte que lhe fizeram mãos ouzadas.

As cadeiras, que pela reducção do côro nas condições expostas sobrassem, seriam adaptadas a guarnecerem a nova sachristia.

E por esta forma, julgamos nós, se remediariam dois graves vandalismos: o pejamento da nave cruzeira e o côrte perigoso e barbaro d'uma das peças mais nobres do edificio, o arco triumphal da capella-mór.

Rozendo Carvalheira.

OS CIGANOS E O SEU DIALECTO

I

INDICIOS DE ORIGEM DOS CIGANOS

O sr. Francisco Quindalé publicou em 1867, em Madrid, um livro de 124 paginas a que deu o titulo de *Diccionario Gitano*.

O prefacio d'este livro é um estudo curiosissimo, feito sobre dados historicos relativos a demonstrar a origem, apparição na Europa, qualificações, perseguições, vida e costumes dos ciganos, etc.

Os homens mais importantes nas lettras, diz o sr. Quindalé, teem-se occupado por diversas occasiões da origem e particularidades da vida dos ciganos

As conjecturas mais engenhosas, os argumentos mais subtis, as deducções mais ou menos plausiveis teem servido á argumentação nos artigos e nas Academias, sem que cousa alguma se tenha concluido, o que faz suppor que da época e do modo como essa raça extranha, nasceu, emigrou e se ramificou por toda a Europa, vendo-se hoje espalhada desde as alturas do Hymalaia até ás extremidades do Nilo, desde o mar do Norte até ás aguas de Gibraltar, é um problema de difficil resolução

Na Persia e Turquia dão-lhe o nome de Zingaros; na Russia e provincias do Danubio, de Zinganes; na Inglaterra, Egypsiacos (Egipsies); o mesmo que antigamente em Hespanha, Egipsiacos, (Gitanos); na França designam-se indistinctamente com os nomes de Egypcios e Bohemios, porque primeiro appareceram ali como originarios do Egypto e logo como procedentes da Bohemia.

Os allemães chamam-lhe Zigeuners, emfim em cada paiz os nomes porque os ciganos são conhecidos differem segundo a pronuncia dos differentes povos que os empregam, e só se podem deduzir conjecturas mais ou menos mal fundadas para descobrir a fonte que deu á Europa essa raça singular.

Os ciganos entre si nos diversos paizes que habitam, e em Hespanha mais especialmente, dão-se o nome de Zincalés, que pode muito bem ser outra diversa forma de pronunciar a mesma palavra, ou a propria e primitiva cognominação e que significa — homens morenos, habitantes das margens do rio Zind, Sind, Ind, ou Indo a oeste da peninsula Indica.

Esta ultima interpretação adquire sem duvida mais força, por uma analogia que depois explicaremos, que as fundamentadas apenas no nome do rio Ciga, em Hespanha, mencionado por Lucano, para fundar ahi a patria original dos ciganos, ou nas da provincia d'Africa, antigamente conhecida por Zeugitana, de Singara, cidade de Mesopotamia e de Zigera povo da Tracia.

Tambem sem fundamento algum as interpretações buscaram appellativos mais geraes escolhendo Mauritania, Tingitana em Africa, a comarca de Zigier na Asia Menor, e aos herejes gregos Atinganes.

Ainda pondo de parte os nomes dos logares e das nações, a fecunda imaginação dos discursistas encontrou para se fundamentar, que certa horde do campo do grande Tamorlan em 1401, esteve debaixo das ordens d'um homem conhecido pelo nome de Cingo, d'onde querem que provenha o nome de ciganos dado aos que d'ella faziam parte.

A par de todas estas supposições, não mencionando ainda as mais que se crearam até agora, pode escolher-se como a mais principal, a que o auctor oriental Arabschah, biographo d'esse mesmo Timur-Lenck, ou do Tamorlam já citado, quando falla de certa astucia empregada pelo imperador de Mogol para destruir os Zingaros revoltosos que habitaram a cidade de Samarçando, facto que corresponde ás descripções que se ouvem aos ciganos actuaes, e que se deu antes de 1406, época da invasão do Indostão.

Seria fastidioso historiar as muitas e extraordinarias divagações que, desde o começo do seculo XVI até fins do seculo XVII, se fizeram dos ciganos dando-os umas vezes como originarios do Baixo-Egypto ou da Nubia, outras vezes da Arabia, Armenia ou Turquia, Tartaria, Grecia, Bulgaria ou Moldavia e Hepanha, suppondo-os d'este ultimo paiz, seus antigos povoadores, ou descendentes dos mouros expatriados.

Não tem faltado tambem quem lhe tenha dado por patria o Indostão, e, ainda que esta seja a opinião mais acceitavel, apenas encontraram para seu fundamento a existencia d'uma povoação na embocadura do Indo, cujos habitantes teem o nome de Zinganes.

Não é porém a analogia do nome o que pode explicar a sua verdadeira procedencia do Indostão, uma outra mais positiva, unico fundamento logico em semelhantes discussões existe para o comprovar: — o seu dialecto caracteristico.

II

APPARIÇÃO DOS CIGANOS NA EUROPA

Quando começa a fallar-se da apparição dos ciganos na Europa é no primeiro terço do seculo XV. Não se designa o ponto primitivo d'onde partiram, nem o motivo que deu causa a essa apparição, porém os ciganos encontram se quasi ao mesmo tempo, no anno de 1417, errando pelas immediações do mar do Norte, Hungria e Moldavia; apparecem no anno seguinte na Suissa; chegam a Augsburgo em 1419, e no dia 18 de Julho de 1422 á cidade de Bolonha em Italia, apresentando-se em 17 de Agosto de 1427, ás portas de Paris.

Em 1433 invadem a Baviera, e já n'essa época se espalham pela Allemanha, chegando até á Dinamarca e Suecia.

E em Hespanha qual é a época que pode fixar-xar-se da sua apparição?

Desde quando é alli conhecida a existencia dos ciganos?

É difficil a resposta porque n'este paiz é de mais remota data a sua presença.

Foi crença admittida nos fins do seculo XV que os ciganos procediam de Hespanha.

Vem a proposito mencionar n'este ponto uma circumstancia curiosa.

O bando que atravessou Bolonha em 1422, composto de uns cem homens sob a direcção de um chefe a quem chamavam o duque Andréa, passou depois a Forli, com intenção, ao que se diz de ir a Roma visitar Eugenio IV, papa veneziano, que então dirigia os destinos da Egreja.

O mesmo refere a *Chronica de Bolonha*; e Pasquier descreve em seguida a chegada a Paris em 1427 de numero egual de ciganos ao indicado acima, entre elles doze principaes, um conde, um duque e dez cavalleiros, que se qualificavam *penitentes christãos do Baixo Egypto*, obrigados a sahir da sua patria pelos sarracenos e que indo a Roma se haviam confessado ao Papa, dando-lhes este por penitencia *errarem pelo mundo durante sete annos, sem dormir em cama, nem descançar o corpo, ou proporcionar-lhe conforto*.

Escreve ainda Pasquier: que indo os ciganos alojarem-se em La Chapelle, a um quarto de legua da cidade, foi ahi visital-os numerosa multidão.

D'esse bando de ciganos os homens usavam argolas de prata nas orelhas e tinham o cabello negro e encrespado.

As mulheres eram na maioria antipathicas, fazendo do roubo a sua occupação quotidiana ou lendo a *buena dicha*.

O bispo de Paris obrigou-os a retirar e em seguida lançou a excommunhão aos que, levados pela superstição ignorante tinham tido a fraqueza de os consultar no futuro.

Affirma Pasquier que desde essa epoca a França foi, por vezes, invadida por esses vagabundos egypcios, porém que a elles se succederam os biscainhos, povo da Biscaya, continuando comtudo a dar-se-lhe a mesma procedencia e tratamento.

E com effeito esta asserção é verdadeiramente real, se tomarmos em conta que na Allemanha durante muito tempo, estava em grande credito a opinião de que os ciganos tão prodigiosamente espalhados por toda a Europa, nada tinham de commum com os primeiros que appareceram como penitentes procedentes do Egypto.

E esses novos ciganos de typo differente, tez queimada, cabello negro e formas graciosas, são os que deram tanta margem ás polemicas nos livros e ás contreversias nas Academias.

O hespanhol Francisco de Cordova na sua *Didascalia*, repugnando-lhe que fosse o seu paiz a patria dos ciganos, produziu um importante trabalho para demonstrar por datas authenticas a antiguidade dos ciganos na Peninsula, deduzindo argumentos de toda a especie para provar que o paiz onde primeiro se conheceu aquella raça foi na Allemanha.

Mas o trabalho de Francisco de Cordova apenas serve para dar vulto a outro erro que se tem conservado entre alguns eruditos até nossos dias, isto é, que os ciganos formavam parte das raças hebréa e moura e que invadiram a Hespanha quando começou a perseguição d'essas duas raças pelos reis catholicos, em 1492.

Mas se absurdas são as opiniões que deixamos indicadas sobre a origem dos ciganos, mais absurda é aquella que recentemente affirmou Francisco de Cordova, de serem os ciganos hebreos ou descendentes dos mouros expulsos por Filippe III.

As perseguições de que foram objecto os ciganos, por parte dos poderes constituidos são de bem differente origem e por isso elles lhes resistiram durante mais de trezentos annos.

Quaesquer que fossem as suas culpas, quaesquer que podessem ter sido as animosidades que as instigaram, os ciganos tinham em seu favor a maravilhosa arma da pobreza!

De tempos remotos é conhecido o proverbio *mais pobre que corpo de cigano*, e hoje que a historia se illustra com as indicações desapaixonadas, explicou-se já que judeus e mouros foram perseguidos para que, confiscadas as suas riquezas, ellas servissem ao fim de conquistar Granada.

Os rendimentos ordinarios da corôa de Castella tinham decrescido por tal forma durante o reinado de Henrique V que só attingiam 3.540.000 reales, de 26.550.000 a que haviam ascendido nos anteriores reinados de Henrique III e D. João. Foi esta circumstancia que fez suggerir o pensamento de confiscar os bens aos judeus, creando primeiro o tribunal da inquisição; porem como se conhecesse que eram insufficientes as execuções diarias decretou-se a expulsão em massa em 1492.

Como havia de alcançar a misera gente cigana uma perseguição que só tinha por fim o confiscar os bens dos judeus?

O Santo officio para este fim nunca se occupou dos ciganos, elles só tiveram que defender-se dos quadrilheiros da *santa irmandade* quando as suas attribuições tiveram um fim muito diverso.

O que o sr. Quindalé prova com argumentos irrespondiveis é que os ciganos não passaram de Hespanha.

Se alguns bandos poderam penetrar pelos lados de Biscaya, se se ramificaram pelo meio dia da França, foi anteriormente á expulsão dos mouros e hebreos, mas como verdadeiros ciganos, como vagabundos, não fazendo parte das raças vascongada, nem iberica, nem hebrea, nem sarracena.

(Continúa). *Julio Rocha.*

ORIGENS DO SOCIALISMO

Acaba de imprimir-se no Porto o folheto assim intitulado, cujo auctor já não é um extranho para os leitores d'O Occidente, Gomes dos Santos.

O texto que este folheto encerra está condensado em 57 paginas

Tem um introito *Origens do Socialismo* e dois capitulos *Os precursores* e *Os fundadores*.

Gomes dos Santos ahi se revela mais uma vez capaz de luctar com brilho no campo de questões palpitantes e habil para distinguir com acerto profundo o joio do trigo, a verdade do erro.

Investiga com escrupulo dentro de seu assumpto e tira as naturaes conclusões que se derivam dos proprios factos.

Agrada-me immenso este processo prudente e leal que não é susceptivel de provocar equivocos e de admittir procedencia de sophismas.

Os factos são o que são, e contra factos não ha argumentos; a convicção de que isto é assim levou certamente Gomes dos Santos a apelar para a Historia com a qual se faz acompanhar desde a primeira até á ultima pagina de seu folheto.

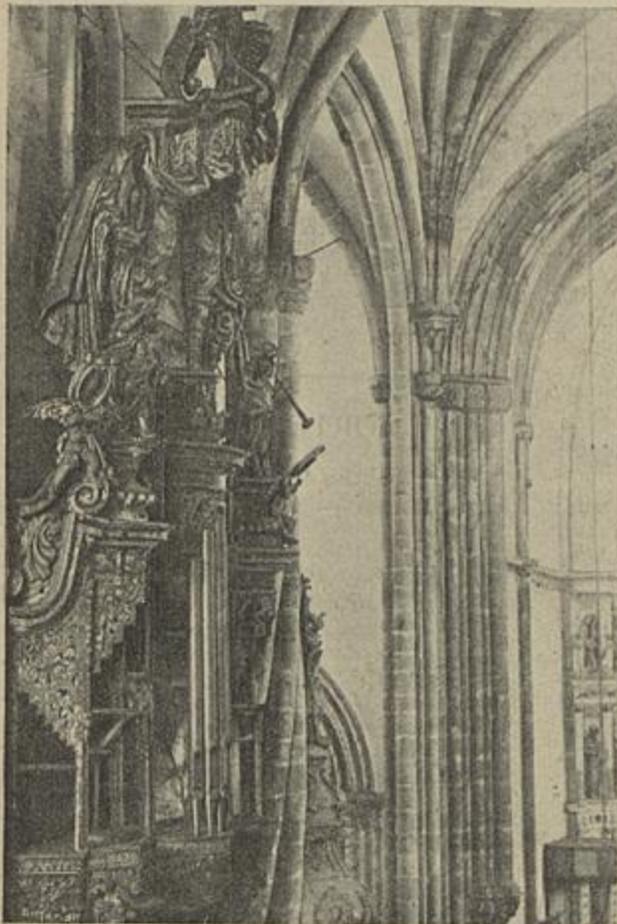
Com effeito, não existe melhor forma de esclarecer e ensinar com segurança de bons fructos que tendo a Historia na mão.

Torna-se assás palpavel tudo quanto se affirma e não se deixam pontos vulneraveis á critica mordaz e accintosa.

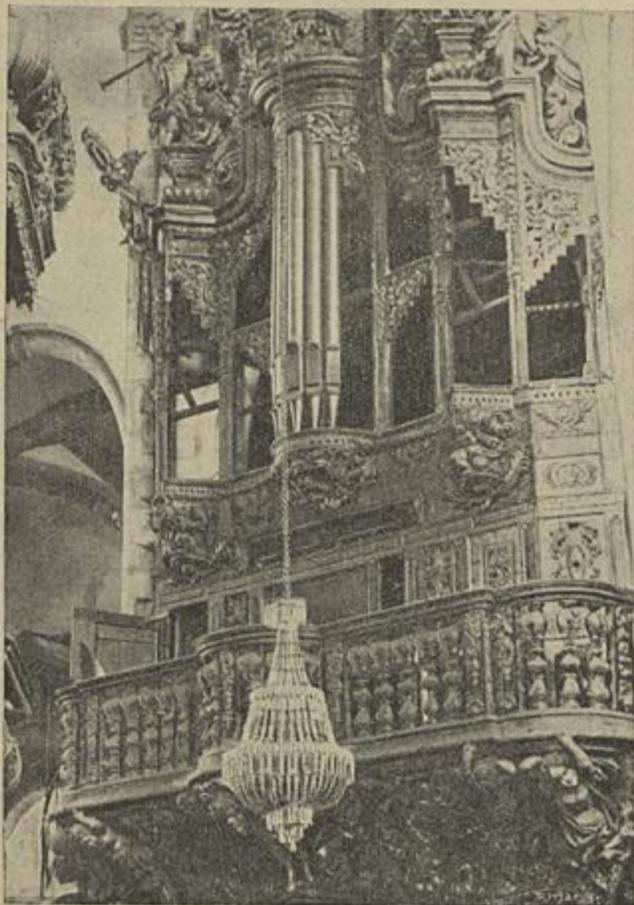
Gomes dos Santos, que ainda tem pouca idade mostra-se comtudo muito erudito e perfeitamente conhecedor do movimento socialista em todos os seus graus.

Sabe dar o seu a seu dono, não fugindo a certas confissões francas por confusões opportunas.

Filiando as coisas em seus devidos termos, estabelece convenientemente a linha de separações, definindo cada elemento social em seu valor le-

A CATHEDRAL DA GUARDA

COROAMENTO OU REMATE SUPERIOR DO ORGÃO

gitimo e desenvolvendo idéas e systemas por sua modalidade ethnica de differenciação.

Folhetos da natureza e do significado intrinseco d'aquelle a que me reporto merecem todo o acolhimento de propaganda e de reedição porque reunem o util ao agradavel, o que instrue intellectualmente ao que modéra fogo de paixões moralmente.

PARTE MEDIA OU BALCÃO DO ORGAO

De resto, ninguem desconhece quão vantajosas são e teem sido sempre as publicações de leitura comprehensivel e vibrante em que são postas a nu deante dos olhos do leitor as verdades que existem no fundo de certas doutrinas apostoladas pelos agitadores em suas arengas e em suas brochuras.

Realmente, não pode dizer se que tudo seja mau e mentira, ou que tudo seja virtude e certo e até mesmo somos forçados a admittir boa fé em alguns d'esses oradores de praça publica, feiticeiros das turbas e tantas vezes factores de revoluções.

«Todos vinham, diz Gomes dos Santos na ultima pagina, referindo-se aos fundadores socialistas, para emancipar o mundo, diziam elles cheios de orgulho e loucura, como se o Christianismo não tivesse, antes d'elles apparecerem, libertado os corpos, emancipado as almas, despedaçado os obstaculos dos espiritos.»

Regista-se a respeito de taes creaturas pelo menos uma coincidencia singular: a tára de organismo!

D. Francisco de Noronha.

O burgomestre engarrafado

(ERCKMANN-CHATRIAN)

(Continuado do n.º antecedente)

«Falámos hontem a respeito dos bellos vinhedos do Rhingau. Se bem que nunca visitei este paiz, o meu espirito preoccupou-se d'isso, e o vinho que á noite bebemos, deu certa côr sombria ás minhas idéas. O mais singular é que no meu sonho julgava eu ser o burgomestre de Welchre, e de tal modo com elle me identificava, que poderia fazer-te a sua descripção como a da minha propria pessoa.

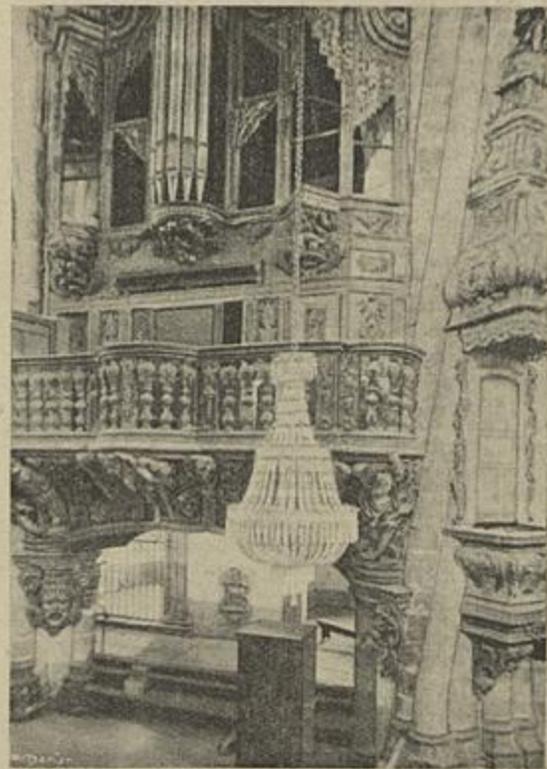
«Este burgomestre era homem de mediana estatura e quasi tão gordo como eu; usava sobrecasaca de grandes abas, com botões de latão, e ao longo das pernas abotoaduras do mesmo metal; cobria-lhe um chapéo de tres bicos a calva cabeça, mas era deveras notavel a sua gravidade estupida; só bebia agua pura, estimava acima de tudo o dinheiro, e não pensava senão em alargar os seus dominios, no que não era estupido de todo.

«Assim como tomara o trajo do burgomestre, apropriara me tambem do seu caracter. Teria nojo de mim, se pudesse conhecer-me. Que bruto burgomestre que eu era! Pois não vale mais viver alegremente e zombar do porvir, que accumular escudos sobre escudos e destillar bilis sobre bilis? Mas que remedio? Eu era, por força, o heroe, quero dizer, o burgomestre de Welchre.

«Eis a minha vida: Levanto-me da cama e a primeira cousa de que tracto, cheio de inquietação, é saber se os meus homens estão a trabalhar na vinha. Para almoçar, levo uma fatia de pão. Uma fatia de pão! Desgraçado de mim! Eu que, antes de ser burgomestre, almoçava duas ou tres costelletas e uma garrafa do delicioso sumo, passar agora com uma fatia de pão! Mas continuemos a historia: eu... isto é, o burgomestre pega na sua fatia de pão e mette-a na algibeira; diz á sua governanta que lhe faça a limpeza do quarto e lhe prepare o jantar para as onze horas: umas tristes sopas e umas batatas, se bem me lembro.

«E sai.

«Poderia fazer-te a descripção do seu caminho, da montanha: tenho tudo bem presente na memoria. Via campos de lavoura, hortas, prados, vinhedos. E dizia commigo: isto é de Pedro; isto é de João; isto é de Antonio... E parava deante de algumas d'estas propriedades, exclamando cobiçoso: Convinha-me bem esta vinha! Ai! se este campo fosse meu! Mas sentia uma especie de tontura, uma dor de cabeça indefinivel, e apressei o passo. N'isto sahiu o sol e o calor tornou-se excessivo. Eu subia a montanha por um atalho que havia através das vinhas, e terminava por detrás das ruinas de um castello; e vendo um pouco mais alem as minhas propriedades, dei-me pressa em chegar; mas estava tão cansado ao entrar nas ruinas, que parei para cobrar alento. O sangue zumbia-me nos ouvidos, e o coração batia-me no peito como o martello na bigorna. O sol era abrasador; não obstante quiz seguir; mas ao dar alguns passos, caio redondo no chão, comprehendendo que me tinha dado uma apoplexia.

«Então apoderou-se de mim o maior dos desperos... Estou morto! disse commigo. O dinheiro que tanto me custou a juntar, as arvores que cultivei com tanto cuidado, a casa que construi, tudo, tudo está perdido; tudo passa ás mãos dos meus herdeiros. Esses miseraveis, a quem não queria deixar um ceitil, vão enriquecer á minha custa. Oh! traidores! Exultarão com a minha desgraça!... tirarão as chaves do meu bolso, repartirão entre todos os meus bens, gastarão o meu ouro... E eu... assistirei a esta pilhagem,

PARTE INFERIOR OU BASE DO ORGAO

embora tenha os olhos fechados. Que horrivel supplicio!

«Senti arrancar-se a alma do meu cadaver, e sahir do meu corpo; mas ficou ao lado d'ella de pé.

«Esta alma de burgomestre viu que o seu cadaver tinha a cara azul e as mãos amarellas.

«Como fazia muito calor e lhe corria o suor pela fronte, grandes moscas acudiram a pousar-se-lhe no rosto e uma d'ellas metteu-se-lhe na bocca. O cadaver não disse — esta bocca é minha; e logo toda a cara se lhe cobriu de moscas, sem que a alma, alli immovel e desolada, pudesse enxotal-as.

«E assim esteve alguns minutos que lhe pareceram seculos: começara o seu inferno.

«Passou uma hora, e o calor cada vez mais apertava; nem um sopro de ar na atmosphera; nem uma nuvem no céo.

«Apparece entre as ruinas uma cabra a comer as hervas silvestres que alli vegetavam. Ao passar perto do meu corpo dá um salto de lado; mas volta, não sem desconfiança, cheira á roda de mim e continua a sua caprichosa direcção através dos escombros.

«Um pastor que a procurava, descobrindo-a, preparava-se para conduzil-a ao rebanho; mas,

A CATHEDRAL DA GUARDA

RETABULO DA CAPELLA-MÓR

vendo o meu cadaver, deu um grito e desatou a correr para a povoação.

«E passou outra hora, longa como a eternidade.

«Por fim deixou-se ouvir por detrás do recinto um ruido de passos, e a minha alma viu approximar-se vagarosamente o senhor juiz de paz, seguido do escrivão, do medico e alguns curiosos, os quaes, ao porem os olhos na minha pessoa, exclamaram :

— «E' o burgomestre!

«O medico approximou-se do meu cadaver e enxotou as moscas, que voaram como um enxame; mirou-o, levantou-lhe um dos braços, já rigidos, e disse com indifferença :

— «O nosso burgomestre morreu de apoplexia fulminante, e deve estar aqui desde manhã. Bom será que o levem e enterrem quanto antes, porque este calor accelera a decomposição.

— «Dou fé, disse a seu turno o escrivão, dou fé e verdadeiro testemunho, aqui para *internos*, de que este povo não perdeu grande cousa. Era um avarento e um imbecil; não sabia uma palavra de cousa nenhuma.

— «Pois elle tudo criticava, observou o juiz.

— «Isso é corrente; os nescios são os que julgam saber mais.

— «Será melhor mandar retirar estes homens, que certamente não poderiam com o cadaver, porque o tal burgomestre tinha mais barriga que cabeça.

— «Vou lavrar a certidão de obito. Que hora hei de pôr? perguntou o escrivão.

— «Ponha que morreu ás quatro da manhã.

— «O avarento, disse um camponio, tinha por costume espiar os trabalhadores para cercear-lhe a soldada no fim da semana.

«Depois, cruzando os braços no peito e olhando fixamente o cadaver, accrescentou :

— «Dize-me, senhor burgomestre ; de que te serve agora teres esfolado os pobres trabalhadores? Já vês que a morte não poupa ninguem; tambem te cortou o fio da vida.

— «Que demonio tem elle na algibeira? perguntou outro.

«E sahiu a minha fatia de pão.

— «Era o seu almoço de todos os dias.

«Todos desataram a rir.

«E falando assim estes senhores, dirigiram-se para a sahida das ruinas. A minha pobre alma ainda os ouviu alguns instantes.

«O ruido foi cessando a pouco e pouco.

«Eu, isto é, o meu cadaver permaneceu na solidão e no silencio.

«As moscas voltaram aos milhares.

«Não posso dizer quanto tempo decorreu, porque no meu sonho os minutos não tinham termo.

«Afinal chegaram os que deviam conduzir o burgomestre, e que o amaldiçoaram ao carregar com o cadaver. A alma do pobre homem seguiu-os immersa n'uma dôr indizivel. O burgomestre voltou pelo mesmo caminho; mas d'esta vez via eu o meu corpo levado adeante de mim sobre uma padiola.

«Quando cheguei a casa, encontrei muitos individuos que me esperavam, reconhecendo entre elles todos os meus sobrinhos até á quarta geração.

«Puseram no chão a padiola e todos me revistaram.

«Está morto e bem morto, dizia um.

«Morto e bem morto está, ajuntava outro.

«A minha governanta approximou-se tambem e pondo as mãos com expressão pathetica, exclamou :

— «Quem poderia prever esta desgraça? Um homem tão robusto, tão saudavel! Quão pouco somos n'este mundo!

«E não tive outra oração funebre.

«Levaram-me para um quarto e extenderam-me n'um mau enxergão.

«Quando um dos meus sobrinhos me tirou as chaves do bolso, de boa vontade eu teria dado um grito; mas como, por desgraça, as almas não falam, tive que continuar a fazer o papel de morto. Emfim, meu caro Luiz, vi abrir a minha papeleira, contar o meu dinheiro, avaliar os meus creditos e sellar tudo; e vi a minha governanta empalmar e esconder o que melhor lhe pareceu, cousa que se eu não visse, negaria a pés juntos. E, cousa singular, com quanto a morte me pusesse a salvo de todas as necessidades, não pude deixar de sentir e deplorar aquelles miseraveis furtos.

«Despiram-me, envergaram-me uma camisa e encerraram-me entre quatro taboas, assistindo assim ao meu proprio funeral.

«Quando me metteram na cova, apoderou-se-me da alma a desesperação : tudo estava perdido...

«Foi então que me accordaste, amigo Luiz; e ainda julgo ouvir cahir a terra sobre o meu ataude.

Hippel calou-se, e vi que um estremecimento nervoso lhe agitou todo o corpo.

Estivemos muito tempo pensativos sem trocar palavra. O canto do gallo advertiu-nos que a noite tocava o seu fim, e as estrellas iam desapparecendo á approximação do dia. Outros gallos em seguida fizeram ouvir as suas estridentes vozes, e outros responderam a estes.

«Hippel, disse ao meu companheiro, são horas de partir, se queremos aproveitar o fresco da manhã.

«Está dicto; mas primeiro, Luiz amigo, devemos tomar alguma cousa.

Descemos, o estalajadeiro vestiu a blusa e serviu-nos os restos da ceia. Em seguida encheu as minhas duas latas, uma de vinho branco e outra de vinho tinto, sellou os cavallos, cobrou a despesa e disse-nos adeus até outra vez.

(*Continúa*).

CADEIRÕES DO CORO DE BAIXO
LADO DO EVANGELHO

A MORTE DIVERTE-SE

Vem a proposito do lamentavel desastre succedido em Cintra, ha poucos dias, o seguinte artigo de Fulbert Dumonteil, em que, sob uma forma levemente humoristica, mas profundamente sentida, se exemplifica, com varios factos, a fatalidade, que tantas vezes leva em direitura á morte os que,

CADEIRÕES DO CORO DE BAIXO
LADO DA EPISTOLA

cheios de vida e alegria, iam descuidados em busca do prazer, do bem estar.

Sem ser tão fatalista como um velho musulmano, ha coincidencias que assombram, acasos que confundem. Toda catastrophe nos dá surprehendentes e dolorosos exemplos d'isso.

Vejam esse viageiro que duas vezes perde o comboio para seguir no que tão desastrosamente descarrila em Velons, onde a morte o espera! Subindo para a carruagem, diria M. Prudhomme, entra na eternidade. A fatalidade, que por duas vezes o impede de partir, impelle-o para ali : uma brincadeira da morte.

Vejam tambem esse infeliz capitão Bachet, tão sympathico e tão chorado, que escreve a um amigo : «É absolutamente necessario partir; é essencial que eu não perca um unico dia!...»

O desditoso não perde um dia, nem uma hora, nem um minuto, e é horrivelmente esmagado. Não parece que tinha combinado uma entrevista com a morte?

Por occasião do incendio da Opera-Comica deu-se um facto singular. Madame B... esperava, havia muito tempo, um bilhete de camarote que um artista lhe promettera, e já não contava com elle. A ares em Sceaux, em casa de uma amiga, lem-

bra-se um dia de ir a Paris para escolher no seu guarda-roupa não sei que frivolos objectos de vestuario. Deve regressar á noite. Está combinado, está decidido. Chegada a casa, recebe do porteiro uma carta. Abre-a e sorri. Era o bilhete de camarote, já esquecido ha dois mezes. Em vez de voltar para Sceaux, vae ao theatro, e no dia seguinte é retirado dos escombros o seu corpo carbonizado horrivelmente.

A catastrophe medonha do tunnel de Poitiers succedeu por 1853. Na vespera, Mr. e Madame X..., que viviam em Paris, recebem uma carta de Angoulême: sua mãe está ás portas da morte. É impossivel partir. O marido acaba de dar uma queda ao sahir da carruagem, e a mulher é atacada de uma pleurisia. No mesmo instante chega um tio de Valenciennes, que vem distrahir-se a Paris. Conta-se-lhe a triste nova, a impossibilidade cruel de ir abraçar pela ultima vez a enferma querida; é grande a dor: lamentam-se, choram.

Parte o tio para Angoulême. Mas não entra ahi; vae mais longe, a esse paiz desconhecido d'onde se não volta: morre na catastrophe do tunnel de Poitiers. No dia seguinte Mr. e Madame X... sabiam a um tempo que seu tio fôra esmagado e sua mãe estava salva. Sem duvida, muito occupada em Poitiers, a morte esquecera a doente de Angoulême.

Sempre que ha algum accidente em caminhos de ferro, vem á memoria a morte de Dumont-d'Urville, contada de tantas maneiras. A verdade é esta: O grande navegador estava doente em Versailles. Uma carta importante chama-o a Paris. Quer partir. Sua mulher oppõe-se energicamente. Consultado, o medico declara que o illustre marinheiro póde, sem o menor perigo, fazer o curto trajecto da capital.

D'ahi a uma hora, Dumont-d'Urville sobe para a carruagem com sua mulher e seu filho que por força o querem acompanhar. Morreram todos tres no meio das chammas n'essa inolvidavel catastrophe de Versailles. E assim acabou, preso em um wagon a arder, o celebre navegador, depois de ter percorrido todos os mares, de haver affrontado milhares de tempestades e de haver circumnavegado tres ou quatro vezes o globo.

Volumes se poderiam escrever ácerca das *mortes fataes*.

Lembram-se do gymnasta Robert e do esquipatico fim que elle teve? Era a admiração dos parisienses, pela sua maravilhosa audacia e estupenda agilidade. Um dia, um dos amigos convida-o para almoçar na sua casa de campo em Bougival. Avistando uma linda cerejeira carregada de appetitosos fructos, Robert dispõe-se a colher na arvore a sobremesa do almoço. De repente escorregalhe um pé, um ramo parte-se e o gymnasta cai sobre a guarda de um poço que lhe racha o cranio. Levantam-n'o: estava morto.

Em Madrid, por 1860, o domador Borel, um hercules, um gigante, exhibia as suas feras. No seu rosto varonil, todo sulcado de cicatrizes, as feras como que tinham gravado as luctas, os perigos e os triumphos d'elle. Uma noite, os tigres e os leões, furiosos por elle os bater como se fossem alcatifas, aggridem-n'o, vão devoral-o. Os espectadores levantam-se todos, arquejantes, consternados. O domador está perdido. Fazendo um supremo appello ao seu vigor e á sua audacia, Borel, de chicote erguido e olhos em fogo, arremessa-se ás feras, que recuam e se lhe deitam, rugindo, aos pés; e da grande jaula o belluario sai victorioso, acclamado, levado em triumpho sob uma chuva de flores, leques, mantilhas, finos lenços bordados, luvas perfumadas e joias que cem mãos frementes lhe lançam.

N'essa mesma noite, quando se ia deitar, o celebre domador é mordido por uma mosca da qual nem sequer ouvira o leve zumbido. Na manhã seguinte morre do carbunculo. O vencedor de tigres e leões succumbe á picada de um vil insecto.

A morte dramatica do capitão Bachet e o singular infortunio do viajante que foi esmagado em Velars, depois de ter perdido dois comboios, trazem-me á reminiscencia uma circumstancia tão extraordinaria quão dolorosa da catastrophe de Amiêres. Um excellente homem, estimado e querido de todos, Lambert de la Croix, que por muito tempo foi secretario geral do *Moniteur Universel*, residia em Amiêres. Todas as tardes, á mesma hora, encontrava-se elle no café da estação de S. Lazaro com um amigo, um collega, que morava em Bois-Colombes, e costumavam seguir no mesmo comboio.

No dia da catastrophe chega o amigo D... e diz a Lambert:

— Vamos, vamos. Olha que só temos tres minutos.

— Espera, acode Lambert de la Croix; acabo de pedir cerveja. Iremos no outro comboio.

— Não pode ser. Tenho gente para jantar...

Vem a cerveja. O amigo condescende e senta-se. Conversam. Nunca o bom Lambert de la Croix tivera mais graça e alegria. Solteiro, vivia com sua velha mãe a quem adorava. Uma vendedora de flores offerece-lhe magnificas rosas. Lambert escolhe as mais bonitas, dizendo com um meigo sorriso:

— São para minha mãe.

A pobre mãe, coitadinha, não tornaria a ver o filho.

— Olha! exclama o amigo D... Faltam só cinco minutos! Este comboio é que eu não perco.

— Vamos lá, diz Lambert, pegando nas rosas e chapéo.

Levantam-se e dirigem se para a gare; tres minutos de espera ainda.

— Tu por aqui, Lambert! Que é feito de ti? Ha tanto tempo que não tenho o gosto de te ver! Estava até para escrever-te. Tenho que dar-te uma grande noticia. Caso-me dentro de um mez, e chego da Normandia, onde está a minha noiva. Vamos tomar um copo de Madeira...

— Mas eu vou para Amiêres! Objecta Lambert, a quem estas palavras eram dirigidas. Já perdi um comboio.

— Ora adeus! irás no seguinte. Quanto estimo encontrar-te.

Lambert de la Croix fica e o seu amigo D... parte, encommendando ao diabo o noivo da Normandia.

O comboio que Lambert de la Croix não perdeu, foi o immediato. A morte esperava-o ahi. Lá morreu, com os ossos fracturados, n'essa horrivel catastrophe de Amiêres. Contou-se que em uma das mãos tinha uma flor, uma das rosas que levava para sua mãe.

Que piedosa offerenda para ser deposta no seu tumulo!

Ignoro se estas cousas *estão escriptas*; o que sei, é que ellas acontecem. Conto apenas; conclua cada qual conforme as suas crenças e os seus sentimentos.

Mas não se me daria de apostar em como, de pifano aos beiços e fouce ao hombro, a Canhota dirige em ar de mangação a dansa universal da humanidade... Pertencemos-lhe todos á nascença, e a abominavel trocista, a implacavel gaiata, ri-se de nós, manga com a tropa. Diverte-se.

A natureza e seus phenomenos

I

PHYSICA

Preliminares

Submettendo a agua á acção do calor, esta entra em ebullição logo que a sua massa tenha attingido, á pressão normal, a temperatura de 100°.

Se collocarmos dois corpos desegualmente aquecidos, um ao lado do outro, aquelle que possue mais calor, cede parte d'este, com o fim de elevar a temperatura do corpo mais frio, até que ambos conservem a mesma quantidade de calor. Deitando limalha de cobre n'um balão de vidro contendo acido azotico e aquecendo-o ligeiramente, veremos formarem-se no interior do balão, vapores rutilantes de gaz hyppo-asotico, depositando-se no fundo do mesmo balão, um sal azul (azotato de cobre).

Todos estes factos denominam-se *phenomenos*.

Vulgarmente dá-se este nome a todo o acontecimento fóra do commum, mas scientificamente, a palavra *phenomeno* applica se a qualquer facto.

Tudo o que succede ou é susceptivel de succeder é, pois, scientificamente fallando, um phenomeno.

Para se saber a proveniencia de um phenomeno é necessario averiguar a causa que lhe deu origem.

Em todos os phenomenos acima citados, houve uma causa que concorreu para a sua producção. Esta causa, sempre invariavel para o mesmo phenomeno, quando se repetem as mesmas circumstancias é, no emtanto, diversa para cada um d'elles.

O phenomeno da agua em ebullição é causado pelo facto da temperatura do liquido ter attingido um ponto superior a 100°. O facto de dois corpos desegualmente aquecidos em presença um do outro, é a causa do phenomeno que, em seguida, se realisa, d'onde resulta que ambos os corpos fiquem com o mesmo gráu de calor, etc.

De tudo quanto temos dito conclue-se:

1.° Todo o phenomeno tem uma causa.

2.° O mesmo phenomeno reproduzir-se-ha, sempre que se reproduza a mesma causa, em identicas circumstancias.

As sciencias que teem por objecto, o estudo dos phenomenos e das suas causas, denominam-se sciencias *physico-naturaes*.

Estas estudam, não só os phenomenos da natureza, como egualmente nos dão o conhecimento da origem, formação, constituição, e desenvolvimento de toda a materia existente no Universo.

Devemos entender por *universo*, o conjuncto de todos os seres existentes, não só aquelles de que o homem tem conhecimento, como tambem, todos aquelles de que o homem não concebe, nem nunca conceberá a existencia.

Tudo, quanto contemplamos, desde o mais pequeno arbusto até á arvore mais forte, desde o protozoario até ao homem, tudo é *natureza* nos seus diversos detalhes. Por todos os lados que a contemplemos, encontraremos sempre novas phases da sua belleza, novos esplendores da sua magnificencia. N'uma planicie nua e deserta, observaremos, por todos os lados, uma enorme extensão de terreno onde tudo quanto de mais bello o homem pode imaginar, se nos depára. Ao nivel da nossa vista, é o verde dos campos que admiramos; lançando o nosso olhar para o infinito, é a aboboda celeste que nos delicia. As maravilhas da natureza são infinitas, inexgottaveis. Se avançamos d'essa planicie para outro ponto, e contemplarmos, de novo, o espaço, outro panorama se nos apresenta, tão bello como o primeiro, tão grandioso como este. É no seio d'estes encantos que se passam todos os phenomenos de que nos vamos occupar.

A sciencia que tem por fim estudar todos os phenomenos que na natureza teem logar, sem que estes alterem a constituição intima dos corpos, é a *physica*.

Uma pedra cahindo livremente no espaço não deixará, pelo facto da sua queda, de ser exacta e perfeitamente o que era antes de abandonada a si mesma. Um corpo elastico tende a voltar á sua posição primitiva, desde que cesse a causa que o obrigou ao contrario, não perdendo, comtudo, por esse facto, nenhuma das propriedades que, anteriormente a essa causa, possuia.

Se, porém do phenomeno ou phenomenos, resultar uma alteração na constituição intima dos corpos, o objecto d'esse estudo não fará parte da *physica*, mas sim de uma nova sciencia a *chimica*.

A *chimica* é, pois, a sciencia que tem por fim estudar todos os phenomenos que na natureza teem logar, quando estes são susceptiveis de alterar a constituição intima dos corpos.

Se queimarmos um pedaço de madeira, esta converter-se-ha em carvão. Foi, portanto, alterada a constituição da madeira, depois de realizado o phenomeno. Expondo um pedaço de ferro, ao ar humido, este cobre-se de uma pequena pellicula (ferrugem). — A ferrugem é um composto de ferro, agua e oxygenio do ar. — O ferro perdeu, portanto, as suas propriedades primitivas antes do phenomeno, dando origem á formação de um novo corpo.

Os phenomenos de que a physica se occupa, denominam-se, por esse facto, *phenomenos physicos*, aquelles que fazem parte da chimica, denominam-se *phenomenos chimicos*.

Nos primeiros como vimos, os corpos continuam a ser o que eram antes da producção do phenomeno, nos ultimos, porém, os corpos são alterados na sua composição intima.

Estas duas sciencias de que nos temos occupado, a *physica* e a *chimica* constituem o primeiro grupo das sciencias *physico-naturaes*, e são denominadas *sciencias physicas*.

O estudo das sciencias *naturaes* abrange a origem, formação, constituição e desenvolvimento da *materia*.

Materia é tudo quanto possa impressionar os nossos sentidos. — Tudo quanto existe, constitue, por conseguinte, *materia*.

Se limitamos a materia, obtemos um corpo. Uma arvore, um livro, um insecto, etc., são *corpos*.

Os corpos que constituem o objecto d'estas sciencias classificam-se em dois grupos: *corpos com vida* e *corpos sem vida*.

O que é a *vida*?

Se procurarmos o silencio n'um logar isolado, e nos entregarmos a contemplar a *natureza*, observaremos que esta nunca está silenciosa. Aqui, ouvimos o *chiar* de uma nora perturbadora, ali, o canto dos passarinhos que alegremente voam de uns para outros ramos das arvores, acolá, o murmurio alegre das aguas e dos pequeninos calhaus arrastados pelas correntes.

Por toda a parte que contemplemos a *natureza*, veremos sempre animação, alegria. O silencio

nunca é profundo. Desde o mais pequeno ser até ao mais perfeito d'elles todos, notamos o mesmo facto. E' o *movimento* que predomina na materia, é o movimento que a desenvolve, que a transforma, é finalmente, a *vida* que reina em toda a natureza.

Todos devem ter presenceado, mais ou menos, o desenvolvimento progressivo da planta. Se semeamos um feijão, veremos que em breves dias, nos apparece á superficie da terra onde o semeámos os dois *cotyledones* (partes componentes do fructo), ligados a uma pequena haste que successivamente cresce em altura e profundidade. A pouco e pouco apparecem as folhas que, com o decorrer do tempo se multiplicam. Mais tarde veremos a flôr; e em seguida, o fructo. Eis a planta no seu maximo desenvolvimento.

Egualmente, observaremos na serie animal, um facto analogo. A creança nasce debil, porém, a pouco e pouco, á maneira que o seu organismo se desenvolve, vae robustecendo.

Os agentes conservadores da vida são: o ar atmospherico e a luz solar. Se privarmos qualquer animal ou planta, do contagio d'estes dois agentes, veremos estes definharem-se successivamente a ponto de perecerem.

Em todos estes seres, predomina a *lucta pela vida.*

Uma planta ao lado de outra, dominada pelo egoismo instructivo, procura o seu bem estar, embora com prejuizo das demais. Uma lucta renhida se estabelece entre ellas, sahindo victoriosa a que possuir melhores condições de vida.

Nos animaes, notamos egualmente o mesmo. Estes procuram destruir tudo quanto lhes possa ser funesto. Com o fim de se alimentar, o homem não só destroe os vegetaes proprios á sua nutrição, como egualmente, todos os animaes inferiores de que possa utilisar para o mesmo fim.

Emquanto a natureza fôr natureza, essa lucta subsistirá sempre, porque todos pretendem viver, todos procuram o seu bem estar.

A existencia dos seres não é, porém, eterna. Exhaustos de forças, uma epoca virá, em que, cançados de viver, definham. As suas condições de vida diminuem gradualmente, até se extinguirem por completo. De seres sensiveis que eram, passam a seres insensiveis, como o pode ser uma pedra que encontramos á beira de uma estrada. Se magoamos qualquer planta ou animal, estes resentem-se immediatamente do mal que soffreram, porém, se o mesmo fizermos á pedra que encontrámos á beira da estrada, outro tanto não succede.

É um corpo *sem vida*, uma substancia *morta*.

As substancias vivas comprehendem os animaes e plantas, as substancias mortas, os vegetaes.

A sciencia natural que estuda os animaes é a *zoologia*, a sciencia natural que estuda as plantas, é a *botanica*.

A *geologia* e a *mineralogia* occupam-se do estudo dos seres mineraes, a primeira trata do estudo da massa e composição da terra, não só no estado actual, como egualmente em todos os outros estados, porque o nosso planeta passou antes de ser o que era.

A segunda, occupa-se do estudo das substancias diversas que entram na composição dos terrenos de que trata a sciencia anterior.

A sciencia que se occupa da descripção do universo é a *cosmographia*. A *astronomia* tem, por objecto, o estudo dos astros e suas leis.

Para que possamos ter um integro conhecimento da natureza e de seus phenomenos, necessitamos, por conseguinte, estudar cada uma d'estas sciencias de per si.

Pela *physica* e *chimica* conheceremos todas as propriedades geraes e especiaes dos corpos. A *zoologia*, *botanica*, *mineralogia* e *geologia* conduzir-nos-ha a distinguir os seres, indicando-nos a sua origem, formação, constituição e desenvolvimento.

Finalmente, a *cosmographia* e *astronomia* descrever-nos-hão os phenomenos que se passam fóra do nosso planeta.

Será esta a ordem que adoptaremos no nosso estudo.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado*

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XXXV

Nova formula para reforçar um cliché. — Preparemos um banho composto de:

Agua	100 gr.
Acido nitrico	5 gottas
Alumen e chromio	5 gr.

Depois de ter mergulhado um pouco, o cliché, n'esta solução lavar-se-ha este, e em segundo passal-o-hemos por um banho de prata composto da seguinte fórma:

A — Agua	50 gr.
Acido galhico	8 »
B — Agua	50 »
Nitrato de prata	1 »

Para um cliché de 13 + 18, tomar-se-ha 2 centimetros cubicos de cada solução o á mistura, juntar-se-ha 60 centimetros cubicos de agua.

METEOROLOGIA

Outubro de 1902

Observações diarias

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
1	756,5	21,5–14,0	Nublado	NE	5,6
2	758,6	19,5–14,0	»	NW	0,0
3	757,1	19,2–13,6	»	ESE	6.5
4	758,6	19,6–14,1	»	SSE	1,6
5	765,4	19,4–15,0	»	WSW	0,0
6	762,7	20,5–16,3	»	SSW	0,0
7	756,6	19,6–17,0	»	»	21,4
8	752,3	16,5–13,9	Encob.	NNE	7,8
9	753,2	19,0–13,7	Nublado	SSE	22,4
10	755,6	18,7–14,0	»	SSW	6,2

CHRONICA METEOROLOGICA

Predominou o mau tempo, em toda a dezena, baixando sensivelmente a temperaturae soprando o vento geralmente d'entre os quadrantes SE e SW. Em algum dos dias, as chuvas, em Lisboa, foram violentas, conforme se vê, no quadro acima. A pressão em 8, baixou até 752^{mm},3 em Lisboa. Em Evora, o barometro marcou 751^{mm},1. N'esse dia, as chuvas foram torrenciaes em muitos dos postos (em Vendas Novas 75^{mm},0. Serra da Estrella 57^{mm},0. Guarda 56^{mm},0. Campo Maior 53^{mm},0. Evora 50^{mm},0. Moncorvo 41^{mm},0. Coimbra 22^{mm},9). Em 9, a chuva na Guarda foi de 34^{mm},0. Serra da Estrella 17^{mm},0 e em Coimbra 10^{mm},5.

OUTUBRO — 1902

Dias	Barometro	Temperaturas extremas	Céu	Vento	Chuva
	mm	° °			mm
11	760,6	19,0–14,7	P. Nublado	NW	0,0
12	768,5	20,0–13,9	Limpo	N	0,0
13	770,2	21,8–13,4	Alg. Nuvens	NNE	0,0
14	768,0	20,7–12,2	»	»	0,0
15	768,1	18,7–11,6	Nublado	»	0,1
16	767,5	20,4–12,6	P. Nublado	NW	0,0
17	768,2	19,6–13,5	»	NNW	0,0
18	768,9	20,2–16,0	Nublado	NNE	0,0
19	768,4	20,8–15,3	Alg. Nuvens	N	0,0
20	767,9	20,8–14,3	»	NE	0,0

CHRONICA METEOROLOGICA

A partir de 11, notou-se uma rapida subida barometrica, a qual se manteve durante quasi toda a dezena, acompanhada de alguma diminuição na temperatura e vento predominante d'entre os quadrantes NE e NW. Na manhã de 15 de outubro, o nevoeiro tornou-se muito intenso, em Lisboa, marcando o thermometro ás 9 horas da manhã 11°,6, e cahindo pequena porção de agua de nevoeiro, como se vê, no quadro acima. A minima temperatura n'esse dia, foi de 11°,2. Em Coimbra o thermometro desceu a 8°,4, no Porto a 7°,2 e na Guarda a 5°.

AS FOLHAS DO LOIREIRO E AS FOLHAS DA OLIVEIRA

Em certo logar aprazivel viam-se, collocadas juntamente, vivendo na melhor intimidade, um loireiro e uma oliveira.

Estas duas frondosas arvores, tendo pouco que fazer, entretinham-se, por vezes, a conversar.

O loireiro era bastante orgulhoso das suas glorias, e gabava-se frequentemente da grandeza e importancia que lhe ligavam; a oliveira, pelo contrario, conservava-se sempre modesta, timida e humilde.

N'um dia travou-se entre aquellas duas arvores viçosas, o seguinte e conceituoso dialogo:

— Eu, disse o loireiro, symboliso a victoria, o triumpho! As minhas folhas cingem as frontes dos grandes heroes! Alexandre, os Cesares, Carlos V e Napoleão, honraram-se collocando em suas cabeças respeitaveis, triumphantes corôas de loiro! Confesso, que me torno orgulhoso, e tenho bastantes motivos, não te parece?

A oliveira respondeu:

— Ai, meu loireiro, queres que te diga? É bem triste a tua gloria e o teu orgulho! É verdade que symbolisas victorias e triumphos, que é das tuas folhas que se formam as corôas triumphantes, dando a immortalidade aos que a cingem; repara, porém, orgulhosa arvore; cada uma d'essas folhas indica o sacrificio de centenares de valentes que perderam a vida no campo da batalha, milhares de lagrimas derramadas por decrepitos paes, esposas carinhosas, filhos estremecidos, orphãos abandonados! Cada uma d'essas corôas commemora a destruição de muitos povos, a miseria dos vencidos, devastação de cidades, perdas incalculaveis, victimas sacrificadas á ambição! Eu, pelo contrario, sou o symbolo da *paz*, da benefica e consoladora *paz!* Eu cingia a fronte de Octavio Augusto, o celebre imperador romano, que conservou sempre fechadas as portas do templo da guerra, durante o seu reinado, e que, em vez de apoquentar os povos com devastadoras luctas, fez florescer as artes; a industria e a litteratura, protegendo homens illustres, como Tito Livio, Horacio, Ovidio e Virgilio.

— As frontes d'esses homens distinctos tambem foram cingidas com as folhas de loiro!

— E são essas as tuas verdadeiras glorias, os teus mais memoraveis triumphos! O dia em que a humanidade formar das nossas formosas folhas uma unica corôa para premiar os grandes artistas, os grandes poetas; quando as tuas folhas sómente servirem para estimulo e recompensa do verdadeiro talento, sendo unidas ás minhas, que symbolisam a paz e a prosperidade, então poderás ficar satisfeito de ti mesmo, porque essa corôa fará recordar triumphos bem dignos dos respeitos da posteridade, mas serão triumphos commemorativos da civilisação, do estudo e do trabalho; triumphos que não custaram lagrimas de amargura, victorias, que não foram manchadas de sangue!

Guilherme Rodrigues.

NECROLOGIA

ALMIRANTE EDUARDO WANDENKOLK

Um telegramma do Rio de Janeiro de 4 do corrente trouxe a noticia da morte do almirante Eduardo Wandenkolk, um dos bravos officiaes da marinha brasileira, experimentado e sempre victorioso nos combates que tantas vezes sustentou em Uruguayana, Umaytá e no Paraguay.

De todas estas campanhas elle tinha as primeiras medalhas.

Eduardo Wandenkolk nasceu em 29 de junho de 1838 e ao entrar na sua carreira de marinha, fez as campanhas do Sul, no posto de primeiro tenente e capitão tenente.

Soldado da patria serviu a monarchia em quanto esta conveio ao paiz, mas no dia em que as circumstancias mudaram a forma de governo, elle adherio a essa mudança iniciada por Deodoro da Fonseca, e foi um poderoso auxilio para a revolução que estabeleceu a republica no Brazil.

Deodoro á frente das tropas proclamara a republica e, dirigindo-se ao arsenal, vinha procurar o appoio da marinha. Wandenkolk estava lá e tinha forças que podia oppôr ao movimento revolucionario. A marinha era pronunciadamente monarchica e Wandenkolk um admirador de D. Pedro II.

Deodoro envia parlamentarios a Wandenkolk e faz-lhe vêr a necessidade da mudança de governo, e elle cede e confraternisa com as forças revolucionarias.

Organisa-se o governo provisorio e Wandenkolk faz parte d'esse governo como ministro da marinha.

Desde esse momento Wandenkolk foi um republicano decidido e fiel á nova forma governativa do seu paiz.

Assim elle exerceu os cargos de maior confiança, e ainda, no governo de Campos Salles, era o chefe do estado maior de marinha.

Foi durante a republica que elle teve as promoções da sua arma até á de almirante em setembro de 1899.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Almanach — Brinde — *4.º anno Imprensa Moderna — Prudencio de Carvalho — Bahia — 1902.*

A *Imprensa Moderna* estabelecida na rua Visconde do Rio Branco, na Bahia, distribuiu no presente anno mais um interessante almanach brinde, de que teve a amabilidade de nos enviar um exemplar. E' um livrinho muito util e agradavel, inserindo artigos litterarios, noticiosos e commerciaes, relativos ao Brazil.

Azul Celeste (Versos) *por Ladislau Patricio — J. M. Correia Cardoso — Havaneza Academica — 13 — Rua Larga — Coimbra MDCCCCI.*

Contem vinte e cinco composições este livro de versos que nos chega de Coimbra, onde foi impresso na typographia de M. Reis Gomes, na rua das Figueirinhas, e onde, naturalmente, tambem o poeta buscou a inspiração, que a rainha do Mondego nunca soube negar aos cultores das musas.

Deixando ao leitor a apreciação do presente livro de versos, a que o publico concederá o premio do seu acolhimento—destacamos para esse effeito o seguinte soneto, um quadro deliciosissimo, que authorga ao poeta um logar muito distincto entre os da sua pleiade:

NO CAMPO

O sol vae já tombando. Faz calor;
Ponho um chapeu de palha na cabeça;
Não deve tardar muito que escureça,
Mas, vou assim mais fresco, vou melhor . . .

Passam perto de mim as raparigas,
D'olhar sereno a distillar doçura . . .
—«Boas tardes!» —«Viva lá!» Que formusura!
E eu paro para ouvir-lhes as cantigas . . .

Vem um camponio lá de vez em vez;
A todos eu conheço: — «Olá, Joaquim!»
Passam mais raparigas. Finda a tarde!

Eu dou á voz um timbre camponez,
E ellas córam passando junto de mim
Que lhes digo, baixinho:—«Deus as guarde...»

Ladislau Patricio.

NECROLOGIA

ALMIRANTE EDUARDO WANDENKOLK
FALLECIDO EM 4 DO CORRENTE

Estrella do Minho — *Folha illustrada, litteraria, bibliographica e noticiosa — N.º 344 — Villa Nova de Famalicão — Março de 1902.*

O presente numero do apreciado periodico villanovense constituiu uma homenagem de gratidão prestada ao sr. conde de S. Cosme do Valle, no dia do seu anniversario natalicio, com motivo da inauguração do edificio escolar que aquelle illustre e benemerito filho de Famalicão mandou construir na sua terra natal. A tão bello impulso de generosidade e de civismo corresponderam os collaboradores d'este numero especial da *Estrella do Minho*, rendendo-lhe justas expressões de encarecimento, que a todos ennobreceu.

O numero tem seis paginas, impressas a duas côres e illustrado com o retrato do sympathico titular.

Diversos relatorios

De ha muito que temos presentes os seguintes:

Relatorio geral do Congresso Vinicola nacional em 1900 — Lisboa — Imprensa Nacional — 1902.

Relatorio e contas da Direcção do Gremio Commercial do Porto, relativo á gerencia de 1 de julho de 1901 a 30 de junho de 1902 e apresentado á assembléa geral de 27 de julho seguinte, — Porto— Papelaria dos Loyos — 1902.

Relatorio da direcção do Real Gymnasio Club Portuguez—Lisboa, 1902. Appendice ao mesmo relatorio mandado imprimir por deliberação da assembléa geral de 10 de junho de 1902, contendo varios documentos dirigidos ás instancias officiaes sobre educação physica.

Relatorio e contas da direcção da Associação de Soccorros mutuos Typographica Lisbonense e artes correlativas — 1901. Imprensa Nacional — 1902.

Relatorio e parecer do conselho fiscal (Anno de 1901) da Associação de Soccorros Mutuos na Inhabilidade, fundada em 1872 — Lisboa — 1902.

Relatorio e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do Banco Lusitano (1901) Lisboa 1902.

INDUSTRIA PORTUGUEZA

Folgamos de poder hoje registar mais um progresso da industria portugueza, n'uma especialidade em que mais tem progredido, a qual é a de bolachas e biscoitos de finissimo fabrico e esmerada apresentação. Referimo-nos a duas novas especies de bolachas apresentadas no mercado pelo sr. Eduardo Costa, proprietario da fabrica da Pampulha, seguramente a primeira do paiz, n'estes productos.

Já aqui nos referimos largamente a esta importante fabrica, que honra a industria portugueza, e hoje apreciando as delicadas bolachas que o sr. Eduardo Costa apresenta ao publico, sob a denominação de *Marionnettes* e *Restaurante* podemos affirmar serem dos productos mais finos que não invejam os semillares estrangeiros.

São ainda para notar os graciosos rotulos que envolvem as latas, os quaes não só exprimem o bom gosto do sr. Eduardo Costa, como a perfeita execução das officinas lithographicas dos srs. Ricardo de Souza & Salles, onde foram feitos.